

## SER PLANTA

Texto e curadoria de Marina Câmara para a exposição *Na boca da mata Ah*, de Carolina Botura.

*Indagar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo.*

*A existência de todo ser vivo é um ato cosmogônico.*  
Emanuele Coccia

Carolina Botura apresenta, para sua exposição individual *Na boca da mata Ah*, na Piccola Galleria da Casa Fiat de Cultura, um portal de sementes, uma obra virtual e pinturas a óleo e em acrílica. Importa menos, no entanto, especificar aqui partido artístico ou suporte das obras, e, sim, destacar o que de mais singular há em seu modo de trabalhar, que é *ser planta*.

Sabemos que um corpo vegetal não pode, pelo menos em sua estrutura anatômica, ser imitado por um corpo animal, já que, enquanto nas plantas “tudo pode derivar de tudo” (o broto é composto de rudimentos das folhas, que podem tornar-se cálices, e cujo princípio, por sua vez, é o mesmo das flores), no animal o mesmo não se dá, pois não é possível reconduzir ou metamorfosear entre si partes tão díspares quanto nossos órgãos<sup>1</sup>. Mas Carolina Botura parece desobedecer a essa lei, preferindo se ater a outra máxima, qual seja, “imaginar é se tornar o que se imagina”<sup>2</sup>. Mais que tentar fazer equivaler suas estruturas corpóreas às do vegetal, se tornar planta é, para a artista, fazer o que por excelência a planta faz, aquilo que constitui seu ser, que é a permeabilidade absoluta em relação ao que a rodeia. “Não se pode separar a planta do mundo que a acolhe.”<sup>3</sup> Elas são o ambiente na medida que o tornam habitável. E é esse o processo pelo qual Carolina Botura transforma em arte suas experiências: vivendo a vida de um ambiente, sendo o ar e todos os seres que ali estão, certa de que eles não só são a ela

---

<sup>1</sup> Emanuele Coccia, *Metamorfoses* (2020), p. 93-94.

<sup>2</sup> *Ibidem*, *A vida das plantas* (2018), p. 19.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 13.

absolutamente familiares, como sua composição e sua vida passa por eles na mesma medida que deles depende.

Pensar no processo criativo da artista requer, por se tratar de um processo muito peculiar, uma superação da noção de *gesto criador*, pois nela está contida uma ideia de via de um só sentido. Claro, poderíamos tentar infinitas denominações para os modos de operar de Botura, como processo de coescuta, de cotradução, de observação sensível ou de retro alimentação, mas sem nunca perdermos de vista que é sempre um processo de, no mínimo, dois sentidos: do que vemos e do que nos olha, ou, melhor ainda, *do que sente e do que é sentido*. Por isso os trabalhos de Botura são experiências em si (para além da experiência que a artista tem enquanto, em conjunto com eles, os realiza). A força – pulsão de vida – que incontornavelmente sentimos em suas obras está lá e nos interpela, pois elas, antes de serem pintura, objeto, escultura ou o que for, são presenças-inquietas-vivas-falantes e silenciosas. Estar em companhia de um trabalho de Botura é conversar com ele, ouvi-lo.

No portal construído por Carolina Botura, cada semente está ali como um paradoxo (que a arte contemporânea de um modo geral deveria assumir mais declaradamente). Antes da modernidade consagrar a razão como algo destacado da natureza, as plantas eram consideradas seu emblema, já que se tratam de *um espírito que se exerce na modelagem de si mesmo*<sup>4</sup>. Atrelar o vegetal à razão tinha como principal motivo o fato de as sementes conterem o programa de vida do vegetal, sendo um modelo formal *sem o menor erro*. Tendo em mente que as plantas são as responsáveis pelo fato de a Terra ser um lugar habitável, a semente seria *um fato cósmico e o espaço em que o ato da razão coabita com o devir da matéria*<sup>5</sup>. Em que a razão deixa de ser um gesto inerente apenas à vida da planta que da semente virá, para ser algo muito maior, a saber, a da existência da atmosfera enquanto possibilidade de vida. A semente equivale, portanto, à ontologia do mundo. Assim, as sementes carregam o paradoxo do original: não só matéria-racional-em-devir, mas também na forma de uma extemporaneidade. Origem

---

<sup>4</sup> Ecoando esta mesma noção, Giuseppe Penone dirá: A árvore é a escultura perfeita, pois registra em si, em seu próprio corpo, todos os momentos de sua existência.

<sup>5</sup> Emanuele Coccia, *A vida das plantas* (2018).

próxima do arcaico, por ser uma espécie de arquétipo, mas jamais fixada em um ponto inicial cronológico, já que segue operando no devir histórico, “como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto.”<sup>6</sup>

Quanto à Carolina Botura, lhe resta se permeabilizar nas e com as plantas e suas sementes originais-processuais, na figura de suas obras: resultados, mas que seguem em curso de processo, pois seu crescimento, ao contrário de se encerrar ao serem “finalizadas”, segue brotando, criando galhos e ramificando quando dado a ver ao outro, no espaço expositivo ou onde for.

---

<sup>6</sup> Giorgio Agamben, *O que é o contemporâneo* (2009), p. 69.